

Entrevista de vida

Alice Vieira. Cresceu longe da mãe, vigiada pelas tias. Viveu o Maio de 68 em Paris e apaixonou-se por um homem casado, 23 anos mais velho, o jornalista Mário Castrim. A escritora diz-se viciada no Facebook e tem presépios com dinossauros. **Por Helena Viegas**

“BEBIA 20 CAFÉS POR DIA. AGORA SÓ TOMO CINCO”

Alice Vieira recebe os repórteres da SÁBADO na sua casa de Lisboa. A sala está cheia de presépios. Não sabe quantos tem, mas diz que “são muitos, algumas dezenas”. O maior, está numa mesa de madeira – montou-o com a ajuda dos netos e tem dinossauros e monstros atrás dos reis magos e um diabinho a espreitar por cima da cabana do menino Jesus. A casa está cheia de livros e molduras. Num dos cantos, há uma pilha de caixas e brinquedos dos netos.

Escreve numa mesa pequena, com o computador ao pé da janela, junto à parede com fotos do marido, do namorado, dos netos e das amigas. Levanta-se cedo e ri-se muito, atirando a cabeça para trás: o amigo Mário Zambujal diz que ela tem a gargalhada mais bonita de Lisboa. Já publicou 70 obras, vendeu mais de 2 milhões de livros e ganhou dez prémios de literatura.

Nunca viveu com os seus pais. Teve uma infância conturbada?

Sai de casa dos meus pais com 15 dias e vivi sempre com tios e padrinhos. A minha mãe não tinha instinto maternal, tinha os filhos e entregava-os. Foi uma infância saltitante.

Isso traumatizou-a?

Podia ter feito de mim uma pessoa azeda, mas não. Aprendi cedo que temos que resolver as coisas por nós e isso deu-me um optimismo inquebrantável e uma capacidade enorme de estar sozinha. Adoro. Dou-me bem comigo, nunca me aborreço.

Como era em miúda?

Era imaginativa. As minhas tias hiperprotegiam-me e nem me deixavam ir à escola, com pavor da tuberculose. Era a professora que ia a casa. Quando fiz o exame da quarta classe disse que queria ir para o liceu.

E elas deixaram.

Uma das minhas tias disse: “Ah, sim, sim,

vai. Ela chega lá não gosta nada e volta.” Qual não gosta! Fui para o liceu Filipa de Lencastre e até inventava aulas para estar lá mais horas. Foi um dos melhores tempos da minha vida. Tenho colegas que ainda me perguntam como é que eu podia gostar daquilo, mas como em casa era pior para mim a escola era uma grande liberdade.

Era um liceu feminino, no Portugal dos anos 50. Havia muitas regras?

Usar calças nem pensar e também não podíamos andar sem meias, mesmo no Verão. Quando apareceram as meias sem riscas, lembro-me de uma professora vir atrás de mim, no corredor, e beliscar-me as pernas para confirmar se levava meias. Também não podíamos ler livros proibidos, romances. Uma vez fui chamada à reitora (por sorte, ela gostava muito de mim) porque me tinham encontrado o *Bastardos do Sol*, do Urbano Tavares Rodrigues – era uma



Alice Vieira, com 4 anos. As tias gostavam de a mascarar no Carnaval

► coisa “que as meninas não liam”. Nem sei como me fui esquecer do livro na carteira... foi um sarilho. Em casa tinha acesso a muitas coisas, mas na biblioteca do liceu havia uma figura sinistra, a sra. Dona Ema, que tinha listas de livros que podíamos ler. Eram livros de auto-ajuda, diríamos nos hoje, para meninas e boas donas-de-casa.

Não havia rapazes por perto?

O único homem que lá entrava era o canalizador e mandavam-nos entrar para as salas para não o vermos. À saída, a reitora ia para a porta porque não podia haver rapazes a menos de 800 metros da escola. Iam-me buscar de carro (ter motorista era normal para uma família de classe média) e quando chegava a casa as minhas tias obrigavam-me a despejar o que trazia na pasta para ver se tinha cartinhas de namorados.

Conseguiram ter namoricos?

Havia as festas de anos. E duas instituições: “os irmãos das amigas” e “os colegas dos

“O único homem que entrava no liceu era o canalizador e mandavam-nos entrar para as salas para não o vermos”

nossos irmãos”. O meu primeiro namorado foi um amigo do meu irmão. Durou até quase aos 20 anos. Viamos-nos nas festas de anos e trocávamos bilhetinhos, tínhamos cúmplices. A colega que levava as nossas cartinhas foi quem casou com ele. Estava na cara!... Mas fui eu que terminei.

Foi então que conheceu o Mário Castrim, com quem veio a casar. Foi amor à primeira vista? Não havia nada a fazer. Foi paixão até ele morrer, foram 40 anos. Eu sabia que era aquele homem que queria. E não queria mais nenhum. Mas foi complicado.

Ele era casado e tinha mais 23 anos.

Era uma escandalreira. No início, encontrávamo-nos no jornal às escondidas. Quando eu contei em casa, foi terrível, as minhas tias infernizavam-me a vida. Alguns amigos deixaram de me falar, foi complicado. O Mário só se conseguiu divorciar no papel com a lei do Salgado Zenha [depois do 25 de Abril], já os nossos filhos tinham quase 10 anos.

Chegou a sair do País. Foi uma fuga?

O Mário só com algumas hesitações e problemas com o divórcio. Fui para Paris. Tinha lá uma prima mais velha, a Maria La-

mas – e fiquei lá a ver se a paixão me passava. Tinha acabado o curso, trabalhava num jornal para emigrantes e mandava textos pelo correio para o *Diário de Lisboa*. Mas depois o Mário Zambujal mandava-me cartas a dizer que o Mário andava

magro, muito caído. Percebi que não havia razão nenhuma para estar ali. Voltei um ano depois.

Foi apanhada pelo Maio de 68.

Um dia cheguei à Sorbonne e a porta estava fechada. Depois, rapidamente se juntaram ali os estudantes da Universidade de Nanterre e aquilo transformou-se num comício. Rebentou-nos a revolução nas mãos, eram estudantes de um lado, polícia do outro, gás lacrimogénico, pedras, carros a arder... Havia quase uma fronteira entre o Quartier Latin e o resto, tínhamos de mostrar o nosso bilhete de identidade e dar a morada para atravessar.

Estava a morar num hotel?

Sim, na Rue Cujas. A dona daquilo era uma figura extraordinária, acolhia refugiados políticos e vivia no pavor de poderem ser descobertos pela polícia. Não entrava ali ninguém, ela era terrível, chamavam-lhe a Madame “Selvage”. Foi um tempo extraordinário.

A vida



1943

Alice Vieira com 5 meses. Foi educada pelas tias maternas desde os 15 dias de idade

1946

A escritora fotografada com 4 anos. Diz que as tias a hiperprotegiam quando era criança



1952

Com 10 anos a brincar no Parque Eduardo VII, em Lisboa

1958

Alice Vieira durante um comício da campanha de Humberto Delgado



1968

A escritora passou o Maio de 68 em Paris, onde viveu durante um ano

Pelas pessoas que conheceu?

Sim, a minha prima Maria tinha andado pelo mundo inteiro e conhecia toda a intelectualidade de esquerda. Foi aí que conheci o Nicolás Guillén [poeta cubano], o Jorge Amado e a Zélia Gattai.

O seu activismo político despertou nessa altura?

A minha família era de esquerda. O meu tio levava-me à Leitaria Persa, no Rossio, onde se conspirava. Com 5 anos, fui com o meu tio às urnas eleger o Norton de Matos e participei na campanha do Humberto Delgado, com 15 anos. Paris só foi a minha iniciação na política activa.

Foi também uma época de excessos, drogas e noitadas?

Não. Eu fiz uma data de coisas que as pessoas não faziam na altura: largar a casa, ir viver com um homem. Mas, apesar de tudo, foi tudo muito controlado. Eu não sou de excessos. Nunca experimentei drogas.

Porque decidiu vir embora?

Aquilo parecia a guerra civil. Hesitei, mas largar a revolução por um homem, também não era mau... Fui aos correios marcar um telefonema para falar com o Mário no dia seguinte – as telefonistas ligavam e avisavam que no dia tal a pessoa ia ter uma chamada de Paris – e disse-lhe: vou tentar ir-me embora.

No meio de uma greve geral...

Estava tudo parado, as estradas cortadas. Mas a TAP meteu os passageiros nas carrinhas que levam os passageiros do aeroporto ao avião e conseguimos ir apanhar o voo a Bruxelas. Cheguei lá morta, à meia-noite.

Mário Castrim estava à sua espera em Lisboa?

Eu não podia saber. Lembro-me de que, ao meu lado no avião ia a mulher do embaixador em França, Marcelo Matias, que meteu conversa comigo. Era grega, chamava-se Fedra e ficou preocupada comigo. Chegámos ao aeroporto ela foi comigo confirmar se o Mário lá estava e obrigou-me a telefonar-lhe no dia seguinte. Mas ele estava.

Para onde foram nesse dia?

Fomos para casa de um amigo, em Campolide. O Mário obrigou-me a ligar para casa, mas a minha tia Clementina desligou-me o telefone. Quando fiquei grávida, um ano depois, ele voltou a insistir. Ela propôs-me que fizesse um aborto. Claro que depois adorou a minha filha Catarina. Mas tarde as minhas tias já diziam que o Mário “foi a



RAFAEL VIEIRA

“Vou aos concertos do Roberto Carlos. Tenho um coraçãozinho que pisca e uma T-shirt com a cara dele”

melhor coisa que entrou na nossa família”. Mas até lá...

E os primeiros tempos de vida de casal?

Foram complicados, mas uniu-nos ainda mais. Estávamos a trabalhar, havia a cena política. Ainda não se tinha dado o 25 de Abril, era fugir da polícia, guardar coisas, materiais. Nessa altura havia guerra: a nossa casa, já aqui na Rua Luís Bivar, era um lugar de passagem para quem ia embora. Apareceu um dia um rapaz, o Armando, que vinha do Porto. Só tive tempo de lhe dizer: “Olha, os lençóis estão acolá, a cama está ali, agora deixa-me ir que eu vou ter a criança...” – eu estava a sair para ir para a maternidade.

Amigas da idade da sua filha dizem ser difícil encontrar alguém com uma “mente tão aberta”.

Gosto de pessoas com a mente aberta como eu: cada um faz aquilo que bem quer e lhe apetece desde que não me incomode a mim e aos outros. E que haja respeito, claro. Entre amigas não se notam as diferenças de

idade. Vou sempre aos concertos do Roberto Carlos com uma amiga minha da idade da minha filha. Divertimo-nos imenso. Tenho um coraçãozinho que pisca, uma T-shirt com a cara dele e uma coisa para pôr na cabeça que diz “Roberto é o Rei”. O que é ser “amigodependente em última escala”?

É às 4h da manhã pensar que preciso de ouvir a Leonor [Xavier, escritora] e telefonar-lhe. E saber que ela pode fazer o mesmo. Das coisas que mais gosto é de fazer um jantarinho e estar à mesa com amigos, na conversa – até alguém olhar para o relógio e perceber que são 3h da manhã.

Converter é um vício como o café?

Nos dois últimos anos tive imenso trabalho, dormia duas horas e bebia 20 cafés por dia. Agora só tomo cinco. Mas sou uma pessoa de vícios. Fumava muito, como todos os jornalistas na altura. Deixei há 21 anos, tive cancro de mama, fiz radioterapia e o tabaco passou a agoniar-me. Gosto também de vinho tinto, de uns bons queijos. Agora é que, como estou de dieta, nem uma coisa nem outra. Estou a tomar uma hormona que me fez engordar. Há um mês fui ao IPO e perguntei à minha médica se já podia fazer dieta e cuidar de mim. Agora, tenho um *personal trainer* e vou ao ginásio às 7h.

O cancro voltou. A situação está ultrapassada?

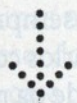
Da primeira vez fiz uma radioterapia muito agressiva no peito todo. Muitos anos depois, essas radiações podem provocar tumores. No Verão, descobrimos que tinha rádio no esterno. Tornei a fazer radioterapia, mais rigorosa, para limpar as metástases nos tecidos e reduzir o tumor. Sou vista pelo médico de três em três meses.

A doença assusta-a?

Deram-me dois anos de vida em 1989. Mas nunca pensei que ia morrer. Encarei tudo muito bem e agora também. Nem sequer falo um grande esforço. Aprendi muito cedo que é preciso levar as coisas para a frente e fazer o que é preciso fazer. E faço.

Acredita em Deus?

A minha família era republicana e anticlerical. Eu sou crente, mas foi uma coisa tardia, transmitida pelo meu marido. Ele era comunista puro e duro, mas católico. Dizia era que se dava mal com a hierarquia. Quando morreu, comecei eu a trabalhar com os missionários cambonianos. Vou à missa de domingo na capela do Rato. Mas vou porque gosto. ►



1969

Com o marido, Mário Castrim, quando estava grávida da filha

1979

No lançamento do seu primeiro livro: *Rosa, Minha Irmã Rosa*



1980

Quando trabalhava como jornalista, na redacção do *Diário de Notícias*



1983

Na escola nº 1 da Buraca, que hoje se chama Escola Alice Vieira



2005

A escritora a brincar com um dos seus netos na casa de Lisboa



2008

Com pintura facial feita pelas animadoras da Feira do Livro



► **Há 21 anos, quando soube que tinha cancro, decidi sair do *Diário de Notícias*. A escrita era mais importante?**

Depois de ganhar o prémio de Literatura Infantil Ano Internacional da Criança com o livro *Rosa, Minha Irmã Rosa*, em 1979, passei a ter uma vida complicada. Quando fui fazer a mamografia e me disseram que o cancro estava muito espalhado e tinha que ser operada, decidi que ia só fazer aquilo que queria. Como tenho pavor do papel de fada do lar, fui fazer visitas a escolas.

Tem a agenda marcada até 2012. Nunca pára, apesar de não conduzir...

Eu conduzo, já não tenho carro. Não me servia para nada. Em Lisboa, ando de metro, de autocarro, a pé e, para uma urgência, apanho um táxi. Para fora, vou de expresso ou de comboio. É produtivo: tiro notas, leio jornais, revistas.

Lê os jornais em papel, mas também é fã da Internet...

Sou muito, muito viciada no Facebook. Já revi amigos da escola e envio postais para o mundo inteiro através do *postal crossing*. Eu tenho muitas manias. Faço tricô, que é uma ótima terapia, levo as fotografias dos “meus homens” (o marido,

amigos e o namorado) e das minhas amigas para pôr na mesinha de cabeceira, mesmo que durma só uma noite fora, e mando postais nem que vá só a Cacilhas. O Facebook é mais um vício. Não ando lá a criar galinhas, não jogo Farmville, mas gosto de pôr coisas, músicas. E tenho muito mais amigos desde que tenho o Facebook, porque encontro-os cá fora. Uma vez, num sábado à tarde, estava no *chat* a conversar com amigos da antiga redacção do DN e alguém disse: “E se fôssemos ao Snob?” Acabámos todos lá na conversa até às tantas.

Há uma geração que a conhece pelos livros juvenis e tem escrito vários romances, mas só recentemente arriscou a poesia. Porquê?

Poesia é outra coisa. Eu não escrevo nada à mão, não consigo, não me sai. Mas poesia só consigo escrever à mão e às vezes é como se alguém me estivesse a ditar aquilo.

Concorreu a um prémio sob pseudónimo [o nome do primeiro namorado], em 2007. Era o medo da crítica?

Fui escrevendo poemas para a gaveta e depois pensei que se fosse mostrar aos meus amigos os meus poemas eles iam dizer “ah, que coisa tão gira e tal...” Então, fui ver e havia um concurso para o Prémio Maria Amélia Vaz de Carvalho – uma distinção única e sem menções honrosas – e mandei os meus poemas. Isso foi uma coisa que aprendi com a minha amiga Maria Alberta Menéres: só participar em coisas que só tenham um prémio. Porque é horrível o Manuel das Couves ganhar o primeiro prémio e nós ficarmos em segundo ou terceiro. Assim, a gente ganha e é bom ou não ganha e ninguém sabe.

Como soube que tinha ganho?

O Fernando Pinto do Amaral, que era do júri, ligou-me e disse: “Olha lá, és mesmo tu? É que aqui ninguém acreditava quando abrimos o envelope.” Foi publicado esse livro, *Dois Corpos Tombando na Água*, e depois *O Que Dói às Aves*. Mas é horrível, continuo

a não gostar nada que as pessoas leiam os meus livros de poesia. Acho que se estão a meter na minha vida.

Como se estivessem a ler-lhe um diário.

Exactamente, é como se tivesse publicado o meu diário. Os temas são normais: o amor, os sítios, as

pessoas... mas sinto-me muito mais exposta. Aquilo sou eu que estou ali.

O próximo livro chama-se *Histórias da Avó*. Como é a Alice-avó?

Não sou muito avó de os estragar, não vou contra as ordens dos pais, no que diz respeito à comida, ou horários de deitar ou ver televisão. Mas conto-lhes coisas, converso, levo-os a sítios. Estar com a avó é uma festa e esta casa nunca está arrumada. No Verão – esta sala é uma sauna – chego as mesas para um canto, estendo duas enormes toalhas de plástico e vou buscar a minha piscina insuflável. Depois todos trabalham, de baldinho na mão. Mas também gosto de ter o meu espaço. Como diz uma amiga minha americana, também escritora, em relação aos netos: “*So happy when they come; and so happy when they go...*” •

“ Sou muito viciada no Facebook.

Mas não ando lá a criar galinhas e não jogo no Farmville

